

**POR QUE E COMO
FAZER HISTÓRIA DA
REFORMA
PROTESTANTE NO
BRASIL**

Why and how to make history of
the Protestant Reformation in
Brazil

Por qué y cómo hacer historia de
la Reforma Protestante en Brasil

Francisca Jaquelini de Souza Viração^{1, 2}

RESUMO

Este artigo com tom ensaístico pretende fazer uma discussão da importância da Reforma Protestante para a formação de um historiador. Com uma proposta de por que e como fazer uma História da Reforma no Brasil, apontando caminhos que passam por um dos maiores historiadores do protestantismo no Brasil que foi Emile G. Leonárd e um dos maiores intérpretes da Reforma nos dias atuais que é Alister Mcgrath.

PALAVRAS-CHAVES: Reforma; História; Produção.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense, possui graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (2008) e mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012). Professora na Universidade Regional do Cariri. E-mail: jackhistory@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Regional do Cariri. Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010, Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 2, Abril-Junho. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p676>

ABSTRACT

This essayist article intends to discuss the importance of the Protestant Reformation for the formation of a historian. With a proposal of why and how to make a History of the Reformation in Brazil, pointing out paths that pass through one of the greatest historians of Protestantism in Brazil who was Emile G. Leonard and one of the greatest interpreters of the Reformation in the present day that is Alister Mcgrath.

KEYWORDS: Reformation; History; Production.

RESUMEN

Este artículo con tono ensayístico pretende hacer una discusión de la importancia de la Reforma Protestante para la formación de un historiador. Con una propuesta de por qué y cómo hacer una Historia de la Reforma en Brasil, apuntando caminos que pasan por uno de los mayores historiadores del protestantismo en Brasil que fue Emilio G. Leonárd y uno de los mayores intérpretes de la Reforma en los días actuales que es Alister Mcgrath.

PALABRAS CLAVES: Reforma; la historia; Producción.

Recebido em: 16.09.2017. Aceito em: 16.12.2017. Publicado em: 01.04.2018.

Introdução

Em 2017 o mundo ocidental comemorou os 500 anos da Reforma Protestante, alguns países tem mais motivos que outros para lembrar tal evento histórico. Inglaterra, Suíça, Alemanha, por exemplo, foram palcos do despertar da Reforma e seus países profundamente marcados por ela, EUA recebeu seus primeiros refugiados religiosos (para usar um termo mais atual), França carrega o trauma da Noite de São Bartolomeu, Holanda desenvolveu o mais revolucionário e aberto dos calvinismos, e os países escandinavos como Noruega, Dinamarca e Suécia são reinos luteranos até hoje.

Mas que motivos teria um historiador de um país católico como o Brasil e com um número considerável de pentecostais e neopentecostais, cuja maior igreja histórica ainda há muitos ramos que tem dificuldade de se identificar com a Reforma, que são os Batistas, de produzir historiografia sobre a Reforma Protestante? De fato o cenário não é muito animador para aqueles, que como esta humilde historiadora pretendem pensar a Reforma nos trópicos.

Porém há sérios motivos para que jovens historiadores em início de carreira tomem a Reforma Protestante como seu principal objeto de estudo, e isto é justamente o que este artigo pretende ser, uma espécie de propaganda para apaixonar e conquistar de vez estes jovens corações iniciados no ofício de Clio. Para isto com tom ensaístico pretende traçar caminhos de onde partir em questões teóricas e metodológicas como uma sugestão de guia historiográfico.

Por que estudar a Reforma Protestante no Brasil?

O primeiro argumento é um tanto óbvio, porém devido ao nosso background historiográfico a obviedade não se torna tão latente assim. Afinal de contas, porque foi um dos eventos mais decisivos do mundo ocidental e um dos criadores e também ao mesmo tempo criatura do que chamamos de

modernidade. Porém no Brasil não se dá tanta ênfase assim à Reforma como uma das criadoras da modernidade. Em muitos casos é quase omitido a influência da nova piedade cristã ao estímulo à ciência moderna e à democracia representativa.

É impossível, aos olhos desta jovem historiadora, enxergar o liberalismo tanto político como econômico, a ciência moderna, as Revoluções Burguesas (inclusive a francesa), a democracia representativa, o individualismo, o direito internacional (Hugo Grotius) e a didática moderna (Comenius) sem a Reforma Protestante. E porque tais omissões ocorrem? A única explicação se dá pela opção historiográfica.

Com as honrosas exceções de Christopher Hill, Max Weber, Jean Delumeau, e mais recentemente Lucien Febvre (tradução de *Lutero, um destino*) nada mais se lê sobre Reforma no Brasil. Autores como Christopher Dawson (que inclusive é católico) Alister Mcgrath, Eric Voeglin, Paul Tillich, André Biélier, Ernst Troeltsch e o brasileiro Martin Dherer são praticamente desconhecidos pelos estudantes de História.

O segundo argumento é mais específico para o Brasil, já que a Ordem Religiosa que cristianizou este país e foi responsável por nossa educação até o século XVIII só surgiu por causa da Reforma, para combatê-la, os jesuítas. Não se pode ter uma compreensão mais profunda do catolicismo que vem formar a religiosidade brasileira sem o enquadrá-lo nas disputas religiosas de seu tempo.

O terceiro argumento é mais prático, simplesmente para enriquecer a erudição, saber pelo menos diferenciar um protestante histórico de um pentecostal. Infelizmente muitos de nossos estudantes e até professores de história não sabem diferenciar dois grupos tão distintos, e por que deveriam? Bom, a bancada evangélica, é de fato evangélica ou neopentecostal? Eis um bom motivo de conhecer os protestantes.

O quarto argumento é historiográfico, o protestantismo está presente em todas as fases de nossa História. Na colônia, dentro do que se convencionou chamar de “grande século protestante” 1517 – 1648, não apenas como reflexo do palco principal da história, mas parte do elenco, em três tentativas de implementação de colônias protestantes. E a obra que se consolidou no Brasil, como a primeira obra de antropologia do Brasil, *Viajem à Terra do Brasil*, foi feita por um estudante da Academia de Genebra, criada por Calvino, Jean de Léry. Como o Brasil não era importante no grande século da Reforma para os protestantes dos séculos XVI e XVII?

No império o protestantismo chega na sua versão missionária e imigratória também, se expande um pouco, porém o suficiente para incomodar o status quo político. Ou não estudamos a dita Questão Religiosa, uma das causas do fim do Império. Já é consolidado que a Questão Religiosa não está ligada apenas ao padroado, mas também à maçonaria e a expansão do protestantismo. Protestantes brasileiros estes, que em sua grande maioria eram liberais e republicanos e à favor da separação da igreja ao Estado, portanto do laicismo. E durante a República a influência é tão evidente que não se comentará mais.

Em outubro de 2016, na abertura das comemorações ecumênicas dos 500 anos da Reforma Protestante na Suécia, a língua oficial foi o espanhol, já que ambos os representantes, da Igreja Católica, O Papa Francisco, e o secretário-geral da Fraternidade Luterana Mundial, Martin Junge são latino americanos, o primeiro argentino e o segundo chileno, coincidentemente cargos ocupados pela primeira vez por latino-americanos. O presente da Reforma é a América Latina, portanto é preciso ter intérpretes latinos dela.

Como estudar a Reforma Protestante no Brasil?

Esta seção do texto dividirei em cinco partes, que são cinco problemas de grande angústias por parte de historiadores e estudantes que pretendem ter a Reforma Protestante como seu principal objeto de estudo:

- 1 – O problema da bibliografia;
- 2 – O problema das fontes;
- 3 – O problema da teoria;
- 4 – O problema da metodologia;
- 5 – O problema da problemática.

1 - O problema da bibliografia

Retomando o que fora dito anteriormente, isto se dá devido, em muitos casos ao preconceito epistemológico e temático de diminuir o estudo da Reforma Protestante no Brasil. Para resolver este problema este artigo indica alguns autores e obras com o objetivo de diminuir um pouco esta angústia por parte de muitos estudantes de jovens historiadores.

História do Movimento Missionário, publicado em 2009 em parceria com Carlos Cardoza Orlandi, historiador porto-riquenho doutor em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico de Princeton que pertence a Universidade de Princeton, atualmente professor de História do Cristianismo na Universidade Metodista do Sul. O livro tem 544 páginas e seu foco é narrar a história do cristianismo pela perspectiva dos missionários.

Ensaio sobre História da Igreja, publicado em 2010 tem 144 páginas, o objetivo é um debate teórico sobre como escrever história da igreja hoje, o foco de Gonzalez é principalmente teólogos e estudantes de teologia. *Uma breve história das doutrinas cristãs*, publicado em 2015 tem 256 páginas, o livro é uma espécie de resumo de sua obra em três volumes com mais de 300 páginas casa,

História do Pensamento Cristão, desta feita é uma breve narrativa de como as doutrinas cristãs foram construídas ao longo de sua história.

Uma História do Cristianismo, de Scott Kenneth Latourette (1884 – 1968), a obra é gigantesca publicada em dois volumes que somados são 2296 páginas e publicada em língua portuguesa em 2007. Latourette foi um missionário americano na China, sua experiência na China somada a sua formação de historiador o fez publicar livros sobre a História da China e do Japão, e ao fazer história da China interessou-se pela História do Cristianismo Chinês e daí para o Cristianismo no geral, isto o levou à Yale onde fez seu doutorado em História ao retornar da China e posteriormente tornou-se professor.

A ex-professora da Faculdade Teológica Batista de Campinas em São Paulo, Rute Salviano de Almeida, publicou uma série de três livros *Uma voz feminina calada pela inquisição*, *Uma voz feminina na Reforma* e *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro*. As obras publicadas entre 2010 e 2014 cada uma com mais de 200 páginas claramente não se vê o *metier* do historiador, porém um esforço digno de nota já que a mulher é quase inexistente nas produções de História da Igreja.

A Editora Vida Nova publica uma série do Justo Gonzales, *História Ilustrada do Cristianismo* em 10 volumes publicados entre 1980 e 1996 desde a Igreja Primitiva até a Igreja dos anos 90 do século XX. Este, sem dúvida foi a série de livros sobre a História da Igreja mais influente nos seminários evangélicos do Brasil dos anos 80 pra cá.

Cristianismo na América Latina, uma História, também de Justo Gonzalez e de Ondina Gonzalez, que segue seu estilo de operação historiográfica, desta vez para a América Latina, partindo desde a colonização dos espanhóis até o início do século XXI, o foi publicado em 2010 e tem 517 páginas.

Oficialmente com o nome de Capa Publicadora Presbiteriana, a Editora Cultura Cristã é a que detém o maior número de títulos classificados como de História da Igreja, muitos são sobre o presbiterianismo brasileiro, já que é a editora oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Pela tamanha quantidade vou apenas citar e comentar os que considero dignos de nota.

Estado e Igreja no Brasil Holandês de Frans Leonar Schalkwijk é uma obra rara, e a maior referência sobre a atuação da Igreja Reformada Holandesa no Brasil. Obra densa com grande erudição e de enorme esforço para pesquisar e indicar fontes sobre o tema nos arquivos holandeses. Schalkwijk é membro do IAHGP e nutriu amizade com José Gonçalves de Melo, ambos trocando informações sobre a temática.

A editora também publica obras de Alister Mcgrath, mais prestigiado historiador da Reforma no mundo hoje, professor de Oxford, também é o maior biógrafo de C.S. Lewis. Dentro os títulos se encontram *Teologia Histórica*, *A vida de João Calvino e Lutero e a Teologia da Cruz*, porém sua principal obra publicada nesta editora é sem dúvida nenhuma *Origens Intelectuais da Reforma*. Mcgrath é um historiador das ideias.

Outra grande obra de produção historiográfica profissional é *História do Pensamento Cristão* em três volumes de Justo Gonzalez, autor sem dúvida nenhuma mais publicado no Brasil. É um grande esforço em História das Ideias de construir uma História da Teologia. Já a editora *Publicações Sheed* publica a coleção do professor luterano Jaroslav Pelikan, é professor da Universidade de Yale, intitulada *História da tradição cristã*.

A CPAD, *Casa Publicadora das Assembleias de Deus*, tem por tradição publicar livros clássicos como *História dos Hebreus* de Flavio Josefo, *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia e *O livro dos Mártires* de John Foxe, além de *As Catacumbas de Roma* de John Scott. Esses livros são de produções

historiográficas anteriores ao século XIX que por estarem sempre sendo publicados é de fato relevante, já que são a publicação de obras raras que dificilmente se encontrariam publicadas em outras editoras.

A editora sinodal é a editora oficial da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Em sua seção sobre História encontram-se listados doze livros, nela destaco a obra *Evangelização Protestante na América Latina*, de Arturo Piedra. A obra em dois volumes é uma preciosidade, uma boa obra historiográfica e muito crítica ao trabalho de evangelização das missões americanas. Para Piedra muito do processo de evangelização das missões americanas foi imperialista e preconceituosa com as culturas locais.

O Outro é *História do Povo de Jesus, uma leitura latino-americana*, de Martin Noberto Dreher, historiador do luteranismo no Brasil. Dreher é considerado a grande referência sobre luteranismo, é professor da Unisinos e da Escola Superior de Teologia, faculdade nível 7 da capes em teologia, os luteranos reproduzem no Brasil sua tradição de excelência acadêmica e por terem boas relações com a igreja católica e a Fraternidade Latino-americana, são os que mais publicam obras também sobre catolicismo e História do Protestantismo na América Latina.

Se existe um historiador que viveu em nosso país que jamais recebeu o reconhecimento devido este foi Émille G. Leonárd. Nascido na França em uma região e de uma comunidade que tem uma grande história e orgulho de resistência huguenote, Leonárd, diferente de seus colegas franceses na USP, vem ao Brasil já como um historiador maduro. Leonárd fez uma história comparada, e no pouco tempo que ficou no Brasil interpretou o protestantismo brasileiro da seguinte forma: seria muito parecido com o protestantismo na França na época da Reforma, militante. Esta é ainda a única interpretação

historiográfica que temos de nosso protestantismo, mas isto foi escrito pensando em um protestantismo dos anos 30 e 40 do Brasil.

Historiador da primeira geração dos Annales e já reconhecido internacionalmente como o grande historiador da Reforma na França, este não é um mero detalhe irrelevante, já que esta temática ainda é bastante negligenciada por historiadores brasileiros. O fato de *Martim Lutero, um destino* de Lucien Febvre ter sido publicado no Brasil só recentemente é uma prova desta negligência. Recebemos em nossas terras um grandioso historiador, que não foi devidamente honrado pela historiografia brasileira.

Porém, Roger Bastide, de mesma magnitude escreveu sobre o amigo, em artigo publicado na França, que também faz parte desta preciosa coletânea. Bastide enfatiza sua capacidade de analisar tão bem em tão pouco tempo o protestantismo brasileiro por ser um historiador experiente, diferente dos demais que vieram para o Brasil, dentre eles o grande Fernand Braudel. Desta feita tinha grande capacidade para fazer uma História Comparada, nascendo assim a primeira teorização do protestantismo brasileiro: a que ele assemelhasse ao protestantismo francês da época da Reforma. Conclui Bastide:

E foi assim que ele pôde compreender que o protestantismo brasileiro não era a expressão de uma revolta contra o catolicismo, mas, antes de tudo, uma realização das necessidades profundas que o catolicismo fez nascer no interior das almas e que, ao mesmo tempo, não podia satisfazer. Estava ali uma ideia inteiramente nova, em oposição ao que os brasileiros, tanto protestantes quanto católicos, imaginavam, e que só podia nascer desse "irenismo" do Sr. Léonard, desse respeito afetuoso como os "outros", desse amor, que lhe permitia sempre descobrir o ponto, ou a extremidade da alma pela qual a comunhão se tornava possível. (BASTIDE In CARVALHO, 2013, p. 47 – 48)

Darei um destaque maior a este obra pela magnitude de sua contribuição para uma confecção mais apurada de uma teoria historiográfica

sobre o protestantismo brasileiro. Para Léonard a história da igreja deve deixar de ser uma história da instituição e do dogma para ser uma história da piedade, da prática religiosa, da vida do ser cristão. Neste ponto Léonard mostra o quão *Annale* é. Os Annales são famosos por preocuparem-se com os excluídos, preferem escrever sobre a Revolução Francesa através do testemunho de mulheres e soldados que cantavam diariamente a *Marselhesa* do que pelas ideias de Voltarie, a ação de Robespierre, ou pela vitória da burguesia como classe fundamentalmente revolucionária.

A Revolução Protestante de Alister Mcgrath publicado no Brasil por uma editora pequena até para o mercado gospel, a Palavra, é o livro que considero o mais erudito sobre o protestantismo na boa produção acadêmica historiográfica publicada no Brasil, curioso ser publicada em uma editora pequena, inclusive é a única obra de História da editora ser justamente a que considero mais relevante, mais bem escrita e de mais profundo cunho teórico. Mcgrath parte da ideia que a Reforma é uma construção de vários séculos dentro do catolicismo.

Em outra obra sua, intitulada *Origens Intelectuais da Reforma*, coloca a Reforma Protestante muito mais como o resultado do desenvolvimento de ideias medievais do que do que um produto único e exclusivo do Renascimento ou do humanismo. Aliás considera o humanismo muito mais religioso do que se consagrou por parte da historiografia posterior ao Renascimento.

2 – O problema das fontes

Este talvez seja o maior problema para um historiador brasileiro, porém o problema só é de fato grande quando se trata de acesso às fontes primárias. E mesmo que este acesso seja possível, a barreira linguística ainda seria enorme, mesmo no caso dos textos escritos em latim. Porém a mesma angústia não se

dá em fontes secundárias, já que é vastíssima e rica a reedição constante de livros e documentos eclesiásticos como as confissões de fé e catecismos do período da Reforma pelas editoras ligadas às igrejas. Assim não inviabilizando à um historiador brasileiro ser um Historiador da Reforma.

3 – O problema da teoria

O que é Reforma Protestante? Parece uma pergunta sem resposta definitiva mesmo depois de 500 anos. Isto por que esta pergunta implica em outra: para quem? Católicos, Luteranos, Presbiterianos, Anabatistas, Anglicanos, Metodistas, Pentecostais e até mesmo os ortodoxos do oriente e ateus tem uma visão muito própria e distinta do que de fato ela foi para cada um desses grupos, e talvez esta miscelânea seja o caminho para a resposta à pergunta principal: ela foi muita coisa para muita gente, a heterogeneidade está no cerne da Reforma.

A Reforma Protestante como evento é também um movimento, já que suas ideias já viam sendo gestadas ao longa da Baixa Idade Média e o dia que foi consagrado como seu marco histórico não representou de maneira nenhuma uma ruptura com a Igreja, já que não passava pela cabeça de Lutero separa-se de Roma em 1517. Além do mais a Reforma não inicia na Alemanha e se espalha pela Europa, vários eventos análogos ao de Wittenberg ocorrem por todo do velho continente e muitos deles, radicalmente diferentes do monge da Saxônia.

Assim a historiografia clássica da Reforma a subdivide em três: Reforma Anglicana, Magisterial (composta da Luterana e Reformada, leia-se calvinista) e Radical. Cada uma com suas especificidades e tantos grupos subdivididos que é preciso muitos dedos para contar. Desta feita torna-se imprescindível ao historiador localizar seu grupo religioso dentro destas tradições da Reforma.

Como movimento, a Reforma foi ganhando corpo e tomando rumos jamais imaginados pelos reformadores, uns que o surpreendiam, outros que o decepcionavam. Nem o mais puritano dos pregadores hodiernos em seu sermão de domingo clamando para o povo se submeter ao governo, por mais injusto que seja, e se rebelar somente na oração e não nas ruas, pode negar que esta postura nada tem haver com a história dos protestantes, principalmente dos calvinistas. História marcada por resistência ao Estado e revoluções, muitas delas terrivelmente sangrentas. Assim é preciso diferenciar Lutero dos luteranos, Calvino dos calvinistas e por aí vai.

Se a Reforma é um evento e ao mesmo tempo um movimento, como estudá-la? Como diria Jacques Le Goff, do ponto de vista católico, ela foi a mais bem sucedida das heresias, Christopher Dawson e Eric Voeglin a acusam de ter dividido a cristandade ocidental e ter contribuído para o fim da influencia do cristianismo no Ocidente, ambos concordando com a tese de Weber, que a Reforma é uma das mães da secularização e da racionalização da modernidade. Porém Hegel e Ranke irá exaltá-la como a promotora do mundo moderno.

Este artigo propõem que jovens historiadores enxerguem a Reforma como ela se propôs a ser: um movimento de retorno à Bíblia. Mas não com um olhar puritano, que tende a romantizar e falsear este *ad fontes*. A Reforma é fruto de seu tempo, da busca por uma espiritualidade profunda por um lado e da identificação do indivíduo como agente de Deus na História, mais medieval que moderna, mas que sem ela, talvez não houvesse modernidade, porém não a modernidade protesta por Hegel. Humanista e secularizada, mas não da forma que a teologia conservadora contemporânea entente humanismo e secularização.

Ela é humanista porque sua máxima *sola scriptura* não seria possível de ser formulada sem o *ad fontes* do humanismo, não há diferença entre seu

clamor de retorno à escritura do clamor humanista de retorno aos gregos e romanos. Como também, sua ideia perigosa, segundo Alister Mcgrath, do livre exame das Escrituras, permitido a todos os cristãos, já que todos são sacerdotes e portanto não precisam de padres como mediadores reflete a máxima humanista da valorização do homem como agente de sua História, mesmo que no caso da Reforma, como instrumento de Deus na história.

Ela também é secularista porque enfatizou o papel dos ofícios e profissões como vocações divinas, quase que obrigando seus seguidores a pensar, mesmo que de forma cristã (aliás ninguém fazia diferente) áreas como política, economia, arte, etc. secularismo aqui não significa um cristianismo nominal pouco preocupado com questões eclesiais, mas pelo contrário, um cristianismo profundo preocupado em pensar o mundo de forma cristã, entendendo que a vida cristã e sua influência não deve se resumir ao âmbito religioso.

4 – O problema da metodologia

Que olhar o historiador deve empregar para analisar a Reforma? O que seria mais adequado encará-la no âmbito da História das Religiões, História Cultura, Social? São amplas e variadas as possibilidades não existindo uma mais adequada, desde que a escolhida não exclua a crença religiosa como algo realmente vivido em intensidade e sinceridade pelos homens do século XVI e que, neste caso o historiador tenha a sensibilidade de rastrear as mudanças de piedade como o motor que move a história da Reforma como propôs Léonard.

É a mudança da piedade que muda a doutrina da instituição e não a mudança da doutrina da instituição que muda a piedade apregoa Léonard. Isto faz todo sentido para o estudo da Reforma já que é um movimento caleidoscópico, altamente heterogêneo, capaz de criar uma nova instituição

pelo simples fato de se discordar da forma como se deve batizar, ou se a igreja deve ou não ter uma bateria para o ministério de louvor.

5 – O problema da problemática

Como toda História é História problema e todo problema nasce de anseios do presente, segundo Le Goff, que questionamentos atuais um jovem historiador brasileiro poderia fazer para o ligar à Reforma Protestante do século XVI? E muito mais agora com esta onda de supervalorização da História Contemporânea? De fato o desafio está lançado, mas muitos são os questionamentos em busca de uma resposta historiográfica, não que a antropologia e a sociologia da religião não sejam válidas, mas a História precisa deixar sua contribuição.

Teria a Reforma do século XVI o que falar ao Brasil de 2017? Em meio a tanta convulsão política e econômica em que vivemos e também tanta intolerância (de todas as formas) e uma crescente participação do voto religioso, sem falar da lastimável crise moral de nossas instituições, as lições aprendidas, pensadas, questionadas no período da Reforma podem ser úteis para fazer pensar o historiador brasileiro contemporâneo.

Considerações Finais

A Reforma e o Brasil tem quase a mesma idade, porém não apenas conhecemos como produzimos muito pouco sobre um dos acontecimentos mais relevantes da História Mundial. O fato de sermos um país católico do outro lado do oceano onde os fatos se desenrolaram seja um das explicações para isto, mas um historiador precisa de erudição, principalmente para fazer análises da realidade na tentativa de contribuir com a sociedade.

A atual convulsão social em que o país vive com um protagonismo tão atuante da “bancada evangélica” com dois partidos ligados à igrejas como o PRB e o PSC e até candidatos a presidente talvez seja um grande incentivo, além dos pontuados no artigo, a se compreender A Reforma e seus predecessores. Se este singelo artigo conquistar ao mesmo um único coração de algum jovem historiador já cumpriu seu objetivo.

Referências

- CARVALHO, Marcone Bezerra (Org.). **Protestantismo e História, Brasil e França na visão de Émile Léonard**. São Paulo - SP, Editora Mackenzie, 2013
- DAWSON, Christopher. **A divisão da Cristandade**. São Paulo, É Realizações, 2014
- GONZALEZ, Justo. **História do Pensamento Cristão**. V. 1, São Paulo, Cultura Cristã, 2004
- HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII**. São Paulo, SP, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- MCGRATH, Alister. **A Revolução Protestante**. São Paulo, Editora Palavra, 2014
- _____. **Origens Intelectuais da Reforma**. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2010.